

LEITURAS E RELEITURAS DA IMAGEM FEMININA: ANÁLISE DAS DESCONSTRUÇÕES DE GÊNERO NO CORPO D@ OUTR@

Reading and rereading female image: analysis of deconstructions of gender in the body of another

Thayane Cazallas do Nascimento
Douglas Rosa da Silva

Resumo

O artigo tem como proposta construir um debate através da problematização de gênero na mídia. O campo da mídia analisada será tanto dos meios televisivos, como do campo da mídia de internet, tendo este último meio uma gama estrutural fundamental para a discussão que nos propomos. Cabem à apresentação deste debate, os contextos sociais das discussões das *estruturas reguladoras* da imagem e da figura do corpo feminino. Como contraponto a cristalização da figura/imagem como propriedade material da construção de gênero deste corpo. A proposta está vinculada diretamente à análise de imagens sobrepostas às situações de leituras desses corpos, dentro de contextos diferentes, e através de exposições de meios de mídias distintas. Assim, a leitura chama atenção para o meio de mídia e a sobreposição de como a leitura dos corpos femininos, assim como na própria amplitude da questão do debate de gênero propõe e que têm levado aos questionamentos de uma *moralidade territorializada* no corpo d@ outr@.

Palavras-chave: Mídia. Gênero. Corpos..

Abstract

The article presents the main proposal how to construct a debate through the problem of gender in the media. For this, we analyze the television media and media from the internet. To debate, bring social contexts of the discussions of the regulatory structures of the image and the figure of the female body. The proposal is directly linked to the analysis of overlapping images to situations readings of these bodies, in different contexts, and by means of exhibitions of different media. So, reading draws attention to the means of media and overlapping as reading of women's bodies, as well as the very breadth of the issue of the gender debate and proposes that have led to the questioning of a territorialized morality in the body of another.

Keywords: Media. Genre. Bodies.

Considerações Iniciais

Partindo da frase de Simone de Beauvoir que se encontra no título, em que “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, permite-se a partir daqui analisar as imagens a seguir, exatamente com a proposta de pensar e argumentar sobre a construção social realizada em torno do corpo e da identidade atribuído ao corpo da mulher.

O trabalho de análise será realizado com duas imagens referentes ao corpo feminino, consistindo em trazer o contexto social e considerando os significados atribuídos ao que se apresentam.

As duas imagens a seguir de uma leitura visual conotativa e denotativa, foram retiradas do meio de comunicação da internet, fazendo valer a grande extensão de imagens cedidas neste espaço. Porém, a retratação da figura 1 ter surgido e criada pelos meios de mídia televisivos.

Sobre a motivação do tema relacionado ao corpo feminino na sociedade contemporânea, torna-se instigante atentar-se para as múltiplas leituras, levando em consideração o grande papel desempenhado pela mídia que, além de comunicar o que de fato ocorre no cotidiano, também dá o seu veredicto e o peso moral que se instala sobre a figura da identidade feminina, assim como a imagem, e o corpo da mulher.

Estas mesmas duas imagens analisadas estão circulando pelas redes sociais, em um sentido de resposta às críticas efetuadas Pós- Marcha das Vadias. De forma irônica, as imagens estão vinculadas na seguinte ordem: a) imagem da “Globeleza”, com a frase: “*Isso Pode*”, e b) na imagem da manifestante, seguida da frase: “*Isso não Pode*”. Esta forma de exposição coloca em vias de crítica completar a hipocrisia reinante na sociedade contemporânea

O que de fato “chocou” a população foi o ato desnecessário da exposição dos seios das manifestantes, encarado como um ato “desnecessário” e “desrespeitoso” com o próprio corpo. Sobre esta postura, encara-se que as contestações feministas vão de encontro à cristalização da figura/imagem, do corpo da mulher. Para Butler (2003, p.59) “mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais retificadas, a própria “cristalização” é uma prática insistente e sustentada e regulada por vários meios sociais”, assim a moralidade territorializada *sobre e no corpo da mulher*, se faz presente mesmo quando a denúncia diz respeito a um ato de violência contra o próprio gênero.

O corpo ligado ao campo de prazer transita meio às páginas de jornal, revistas, e as belas curvas estampadas nas imagens, fotografias, e nas cenas bem focadas da televisão, em um sentido geral, conforme for o interesse em divulgar o “produto”. Não obstante, move a indústria cosmética, e de saúde, e torna-se um horizonte de consumo voraz, como um novo objeto propício de criação e vendagem midiática.

Cabe-nos propor o debate e a problematização através de dois exemplos, pois poderíamos insistir em trazer tantos outros casos recorrentes e necessários às discussões, mas em específico tratamos de exemplificar em dois exemplos os quais nos possibilita a ampliação do problema, e somado aos casos exorbitantes trata-se de estampar *o visível naturalizado*: o qual mostra, mas não revela, porque é superficial.

Neste sentido, o corpo se torna uma propriedade material, publicitária e muito rentável. A mídia dita à uniformidade e a pergunta é: somos todas brasileiras, com corpos esculturais prontos para serem exibidos? Os corpos são propriedade de quem? E servem pra quê? Pois eles *servem, para quê e a quem?*

De maneira a trabalhar com exemplos reais da maneira como a mulher é trabalhada na mídia, a escolha da Imagem 1 e da Imagem 2 tem como intuito o aprofundamento das questões muito pertinentes ao universo das discussões de gênero, principalmente ao que se compromete a persistir neste meio de representação entre o que se compreender como mulher na mídia. Pois suprimidas aos espaços de criação, e da compilação da criação dos desejos, há uma transformação do real em consumo, trata-se profundamente em lembrar o poder concernido aos espaços da mídia televisiva, as quais possuem a capacidade de difusão de criação de ideias, e ao mesmo tempo suprem e retratam estes mesmos conceitos como inteiras verdades.

Os estereótipos de gênero colocados nas prateleiras, por assim dizer, pertencem a extremos, e a aceitação destes modelos fornecidos como “Forma mercadoria”, é a nossa crítica, pois para além de um artigo, mas a partir dele, podemos compreender o poder exercido não pela reprodução da imagem da mulher; e sim pela difusão de modo que se dá através dos meios de mídia televisivos.

Esta mesma imagem, ainda sem julgá-la dado o poder de disseminação, insistência, repetição e moldes estereotipados se consolida de maneira muito potente para a vida real. Pois fala através destes modelos, dita rotinas, cria produtos de consumo específicos, constrói ideais e sobressai em um ritmo descompassado com a realidade.

E como as construções que são realizadas nos meios televisivos possuem uma estrutura que não garante espaços para múltiplas vozes, no tocante da discussão e para além de mulheres e seus cotidianos, pois sua voz em contrapartida ao seu corpo aparece muito menos à voz de homens; e em segundo momento seus corpos são exibidos e utilizados marginalmente, disseminando o discurso de um ideal de corpo descompassado que propicia diversas violências.

Análise de Imagem-Leituras e Releituras da Imagem Feminina

Na obra produzida por Rachel Moreno (2012), intitulado de “A Imagem da Mulher na Mídia: Controle Social Comparado”¹, parte desta insurgência dos mecanismos de reprodução da imagem da mulher. O objetivo partiu de organizar através de 20 pontos acordados entre entidades representativas da sociedade civil, entre eles o Observatório da Mulher², em detrimento de elaboração de um novo Marco Regulatório das Comunicações³, que nos permite chegar a algum ponto juntamente com outros trabalhos desenvolvidos, e reivindicados em uma longa trajetória juntamente aos movimentos sociais.

Ao que concerne à pesquisa desenvolvida, nos dedicamos nos debruçar de maneira específica às Imagens, mas sem deixar de relatar a importância de avanços os quais concernem aos meios da regulação de imagens dos estereótipos. E respeitando os limites das abordagens, a contribuição se destaca no quesito da representação da mídia e circulação de imagens específicas.

Assim, compreendemos de maneira a esclarecer que o grau de profundidade e poder estão no alcance de informação à população:

A mídia atinge a população, contribuindo (como já vimos inclusive em artigos publicados no Brasil para a formação da subjetividade de homens, mulheres e crianças, ajudando a compor a imagem introjetada dos papéis sociais, da aparência, dos sonhos e desejos, da posição a tomar em caso de alguma informação política etc. A mídia representa, muitas vezes, a única ou principal fonte de informação – e de formação da opinião – da sociedade. (MORENO, 2012, p.65)

Dado o grau de profundidade das dificuldades da ausência da relativização do papel

¹ Importante retomar que o estudo comparado se debruça sobre situações da legislação nos países do México, Peru, Argentina, Nicarágua, Chile, Estados Unidos, Canadá, União Europeia, Itália, Espanha, Suécia, Inglaterra e França para uma análise sobre a mídia no Brasil.

² O *Observatório* tem como função disseminar informações gerais sobre as desigualdades de gênero e os direitos das *mulheres*.

³ Na íntegra em anexo.

desempenhado na mídia como um dos únicos meios de obtenção de formação de opinião, ou por obtê-las como umas das principais fontes de informação; nos dedicamos a propor, através do exercício de leitura de imagens, aprofundar realizando, ao mesmo tempo, um exercício de descrição de imagens de mulheres, todas em perspectivas diferentes, a fim de propor outro olhar sobre o corpo d@ outr@. Após isso, partimos para uma análise aprofundada das mesmas.

Delimitamo-nos a escolher o gênero mulher como foco de análise, mas sem deixar de nos atentarmos para os estereótipos elaborado meio às mídias, no sentido plural que adentra ao que concerne às vítimas de gênero, para além retomarmos nas perspectivas de exemplos uma liberdade do ser humano, do sujeito em mutação de suas próprias escolhas, e neste quesito, a urgência de nos atentarmos para o papel do corpo da mulher e as considerações deste corpo na sociedade.

Sabe-se muito bem que a mulher que mostra seu corpo é um objeto de direito do outro, para a satisfação dos desejos de outrem. Por exemplo, caso ela negue um assédio, denuncie um estupro, sua palavra é sempre submetida às dúvidas: “Será que você não provocou o estupro?” “Que roupas você estava utilizando?” “Suas roupas são roupas de vadia, logicamente a culpa não é a do estuprador”, pois ele somente tomou por direito aquilo que foi criado para ele, seu corpo é um meio de satisfação do outro, a do estuprador.

Se a mulher criada pelo patriarcado para satisfazer seus desejos, na intenção de ser este gênero um campo de disputadas de personagem, entre mulheres para casar, mulheres para manter relações sexuais, digo que não vai ser a roupa a justificativa; caso contrário os estupros não ocorreriam nos espaços privados, nos lares e em casamentos consolidados e com menores de idade, mesmo do sexo masculino quanto feminino como ocorrem com crianças.

É necessário deixar a ingenuidade de lado e continuar a discutir e problematizar o que corre para ser tabu, mas que ano a ano somente tende a crescer. Gostaria de chamar atenção para alguns aspectos que apenas aproximam o exercício das imagens de mulheres aqui trabalhadas e que de alguma maneira adentram as entranhas da violência como argumento da supremacia do desejo do outro.

Em uma passagem sobre violência, Edla Eggert (2009) elucida de maneira contundente onde pretendemos chegar como ligação de discussão, onde:

A compreensão de que as mulheres são a natureza é a que dá paz, tranquilidade e

força, para manter o argumento da brutalidade, da violência e apropriação dos corpos das mulheres. Os homens habitam-se facilmente a conviver com esse ensinamento, resignam-se, comodamente, e usufruem dessa condição, como quem diz: isso é a natureza, não temos como lutar contra, aproveitamos então. “As mulheres ficam com as fatias podres desse melão natural” (BENSUSAN, 2004, p.135). Esses ‘hábitos’ “acolchoados por privilégios”, segundo o autor, definem a identidade dos homens, pautada pelo regime de desejo que faz pensar que eles têm o direito de satisfazê-lo, a qualquer preço. Lagarde (2005) e Bensusan (2004) visibilizam formas concretas de identificar as violências eróticas em ação. (EGGERT, 2009, p. 36).

Nesta dimensão da violência, há uma potência imensurável além da violência física, esta conceitualmente é compreendida como violência simbólica. A violência simbólica segundo Bourdieu (2000), ocorre em diversas instâncias, ocorre através da imposição do poder cultural que se assumindo conivente ao autoritarismo, na discriminação de gênero, da exclusão, pela imposição e ao que nos cabe em particular sobre a imagem da mulher nas mídias, assim potencializa e se pré-dispõe para as demais instâncias de violência, e esta violência é dada como naturalizada e não percebida.

E o que se pode esperar de um corpo que se revolta e compreende esta lógica injustificável e a qual pertence ao universo da cultura? Há muito se esperava por mais um grande sopro de revolta, que não pede licença para mostrar os seios no horário nobre, mas que sai com a certeza de que as contradições perturbam as mentes, e escancaram que nem mulher arrependida e nem a mulher criada pelo patriarcado para satisfazer a moral e nem o desejo, mas sim uma mulher que sai do espaço da vitrine da TV, que não permite representar por revistas de belezas e erotismos e diz em suas ações: Meu corpo, minha política, o corpo é meu!

Exercícios de descrição e análises de imagens: O estereótipo do corpo ideal em contraposição ao corpo visceral.

Imagem 1- “O Corpo Ideal”



Fonte: <http://www.diariosp.com.br>

Descrição denotativa

A imagem acima é representada em primeiro plano, por uma mulher jovem, negra e bela, esta se encontra em um estúdio (local fechado). O segundo plano deixa isso mais claro, por haver um painel preto, com pinturas coloridas, nas cores: azul, amarelo, verde e lilás, que remetem ao colorido da festividade carnavalesca no país, mas que, ao mesmo tempo, divulgam as cores do produto anunciante: neste caso, a emissora de televisão que veicula a imagem do comercial em questão.

No corpo da mulher jovem, encontram-se as mesmas cores contidas do painel ao fundo, como o azul, verde, lilás, amarelo, e o acréscimo da cor vermelha. A sinuosidade da pintura em seu corpo acompanha o traçado do painel. O corpo é magro, e ela está com o corpo nu, coberto por pinturas nas regiões dos seios, braços e da sua genital. Os braços estão abertos ao longo do corpo, com as mãos espalmadas para baixo, para o chão em um jogo de simetria com o quadril. As pernas estão levemente posicionadas, a direita reta e a esquerda levemente inclinada para baixo.

O cabelo é curto, liso e na cor castanho. O rosto é magro, e possui algumas pinturas no rosto, no lado esquerdo. A mulher está sorridente, aparecendo seus dentes brancos, com lábios luminosos em uma espécie de batom com brilho. Os olhos estão direcionados para frente, com olhar claro e direto pra frente, os mesmos são levemente esticados, com sobrancelhas delineadas e finas, assim como o desenho de seu nariz, pequeno e fino.

Análise Conotativa

A imagem desta mulher jovem, negra e bela, se nomina através de uma rede de televisão a “Globo”, e nomina esta mulher como “Globeleza”, a qual aparece nas chamadas de propaganda no período do Carnaval no Brasil.

Esta é a segunda “Globeleza”, porém, mais jovem que a anterior, a modelo e dançarina Valéria Valenssa. Elas tornam-se famosas por aparecem nestas chamadas realizadas anualmente, exatamente no começo dos anos que se iniciam, no período do verão, procedendo à chegada do Carnaval.

O tipo ideal da “Globeleza” tem como “representação” a mulher do país Brasil, conhecido por conter mulheres belas, atraentes e de corpos muito sensuais. Esta seria a primeira definição que poderia ser feita sobre esta imagem, além da intencionalidade da exposição do corpo da mulher como uma inclinação a um objeto de desejo permissivo. Além das características físicas, e da simetria da mulher escolhida para representar este papel, a imagem é trabalhada para passar uma captação de harmonia deste corpo, desta sensualidade, consciente do desejo que provoca, mesmo que na brincadeira do “mostro, mas disfarço” através das pinturas no seu corpo, que está nu.

Mas estaria a imagem da “Globeleza” tornando-se um símbolo fiel da mulher brasileira, considerando que esta é a intenção ‘em essência’ da propagação da imagem? Existe correspondência, principalmente no que diz respeito à beleza da mulher negra, com a modelo utilizada no comercial? Retornamos à descrição denotativa da imagem analisada e identificamos as características físicas da modelo: corpo magro, cabelo liso, nariz pequeno e fino. Características que, se observadas e comparadas com o ‘real’ da beleza negra vigente no país, não é correspondente.

Para Barbosa e Bezerra da Silva (2009), “a ausência ou distorções da imagem da mulher negra nos meios de comunicação é uma forma de violência extremamente dolorosa, pois sem referenciais positivos, a mulher negra, simplesmente, deixa de existir”.

Traduzir isso é considerar a anulação de um real e a imposição de um ideal, numa clara e explícita maneira de negar a verdadeira imagem feminina - neste caso, especificamente da mulher negra - que o país possui; pois o processo de idealizar é, além de uma alteração que não condiz com a realidade, uma ação que esconde a valorização da leitura daquilo é autêntico.

Portanto, o simbolismo colocado nesta imagem busca lançar a primeira parte da análise de três imagens relacionadas à representação da figura “mulher”, neste caso, esta primeira imagem da “Globeleza” fica marcada pelo tipo ideal de mulher, objeto de desejo e da utilização incorporada – e também gerada - pela mídia televisiva.

Análise de Imagem

Imagem 2 – “O corpo visceral, o corpo que grita”



Fotografia de Ana Rita Dutra

Fonte: <http://blogueirasfeministas.com/2012/06/marcha-das-vadias>

Descrição denotativa

A imagem acima é representada em primeiro plano, por uma mulher, jovem e “branca”, esta se encontra em um ambiente natural. O segundo é composto por homens e mulheres, os quais não há possibilidade de ver seus rostos, devido à posição da fotografia. O terceiro plano compõe o ambiente, este é composto pela claridade do dia, dia solar, com céu azul, e árvores ao fundo. O arco em material dá o sentido da localidade, este o arco pertence ao Parque da Redenção, localizado na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Esta mulher, jovem, branca e magra que está posando para a foto, está vestida com uma saia preta e justa ao corpo, que vai até a altura das coxas e está acima dos joelhos, e em uma de suas pernas, está usando uma meia calça fina, na cor vermelho-sangue, a qual vai até a altura da coxa. Ao redor do seu pescoço, utiliza um lenço preto, e está de óculos escuros. Suas expressões no rosto não estão visíveis, pois ela não está sorrindo. Possui os “alargadores” nos lóbulos da orelha, uma espécie de brinco, que dependendo dos milímetros, dá o mesmo formato anelado aos lóbulos, podendo ser de 1 mm à 10 cm. Em seus lábios encontra-se um batom vermelho-sangue. Sobre seu corpo, seus seios apresentam-se desnudos, com os mamilos à mostra, entre eles está escrito à caneta o início de uma frase que começa por: *“Isto não é sobre sexo...”*, e a frase dá continuidade na altura da barriga, completando: *“ É sobre violência”*.

A mulher está ereta, os braços voltados para cima, em que segura um cartaz que está desenhado o símbolo do feminino, e com a seguinte frase: *“Eu também possuo pelos”*, ao observar seus braços erguidos ao alto, é possível visualizar os pelos que se localizam embaixo dos braços, estes aparentes e de cor escura. Na altura do ventre, por cima da sanha, um papelão o qual está escrito: *“Segurança”*.

Análise Conotativa

A mulher nesta imagem é uma das muitas manifestantes que, no dia tal, saíram às ruas para protestarem contra o abuso cometido a uma jovem nos EUA, que sofreu um estupro. Na delegacia, quando foi recebido por um policial, escutou a seguinte frase: *“Se as mulheres não se vestissem como vadias isso não aconteceria”*. A partir do momento que esta frase ganhou as ruas, foram organizadas, no próprio EUA, uma organização de protestos,

intitulada “A Marcha das Vadias”. De forma inesperada, a Marcha ganhou uma repercussão mundial e, assim, eclodiu também no Brasil.

Manifestantes de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, e outras cidades do Brasil aderiram ao movimento. A ‘Marcha’ veio a ganhar às ruas das cidades, e também ganhou muita notoriedade pela forma de protesto em que as mulheres participantes do evento se apresentaram: expondo os seios, como uma forma de reivindicação. Algumas de sutiãs, porém, em sintonia com a forma a qual se estava colocando o corpo feminino naquele momento. E com a mesma intensidade e propósito.

Com roupas íntimas, saias curtas, meias $\frac{3}{4}$, bustiês, e tantas outras peças íntimas, também desfilaram, não somente nos corpos femininos como masculinos, em apoio à causa feminina. Homens com rostos pintados, e de roupas femininas, com frases “Se eu fosse elas eu também faria o mesmo”.

A repercussão e organização da Marcha das Vadias ganharam as redes sociais, semanas antes à marcha, através das redes de mídia. No Facebook, circularam imagens de mulheres de muitas etnias, idades e estereótipos, acompanhadas de frases e as quais as definiam participar da Marcha, também como uma crítica e forma de pensar o feminismo contemporâneo.

Frases como: “Se ser vadia é ser livre, somos todas vadias! Questionar isso, também é feminismo”. E ao lado informava: “Marcha das Vadias, 16 de maio de 2012”.

A análise da Imagem 1 - nomeada como o “Corpo Ideal”, seria o que permeia o imaginário brasileiro, da mulher escultural, com traços corporais e faciais harmoniosos, e no imaginário esta imagem está vinculada à natureza da mulher brasileira.

Como se pode observar através do primeiro plano, existe uma natureza dita de fato brasileira, por ser uma mulher de etnia negra, bela, com traços indígenas, esta imagem é tipicamente atribuída a um modelo de beleza. Porém, deve atentar-se para um segundo plano, em que consiste em retratar esta mesma beleza como padrão. A reprodução desta imagem em um sentido análogo é reproduzida em um estúdio, o que delimita o espaço e o lugar que está exposto este corpo da mulher. Disfarça-se, ao mesmo tempo, tanto as imperfeições do corpo, como também se disfarça toda uma realidade de exclusão, preconceito, machismo que permeiam o pensar este corpo exposto, fora daquele espaço de reprodução de imagem.

Direcionado a tornar-se uma mulher desejável, e quanto a questão de gênero,

entende-se que para pensá-las, é necessário romper com as demarcações representativas do que constrói uma mulher. Butler (2003) expõe a necessidade de pensar a concepção de gênero, para além do estado de natureza, que sempre se pauta em um discurso heterossexual que demarca e se repete ao longo do pensamento sobre o feminino.

Simone de Beauvoir em uma das suas frases mais marcantes diz: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Sobre a explanação desta frase, Butler (2003) comenta:

Para Beauvoir, nunca se pode torna-se mulher em definitivo, como se houvesse um telos a governar o processo de aculturação e construção. O gênero é a utilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (p.59)

Neste movimento, a análise da Imagem 2- intitulada “O corpo visceral, o corpo que grita”, surge em comparação à Imagem 1, corrompendo com esta repetição da estrutura reguladora, que como foi analisado no plano denotativo, está em um campo aberto, em uma praça, em um local dinâmico de situações que a colocam a interagir de formas variantes sobre o seu próprio corpo; e para com as possibilidades de colocar a questão do corpo em um novo contexto social, de reivindicação de maneira visceral e da imposição do corpo, não mais como lugar de publicidade do prazer, mas de publicação de contestação declarada.

À ausência de pudor, é visceralmente escrachada quando meio ao público se expõe os seios na tentativa de chocar, de comunicar uma ação que não tem “haver com sexo”, mas sim com violência. Um corpo que não fala por si só, ele grita por respeito, autonomia e permissividade de autoimagem, em que o objetivo é contestar a violação que estão inscritas neste lugar do corpo feminino.

Assim, explana-se com a colaboração de Veena Das em que:

As violações inscritas no corpo feminino (literal e figurativamente) e as formações discursivas em torno dessas violações, como vimos, tornaram visível a imaginação da nação como uma nação *masculina*. O que isso fez à subjetividade das mulheres? Precisamos perguntar não só como a violência étnica ou comunal foi perpetrada por atos de violação específicos de gênero, como o estupro, mas também como as mulheres tomaram esses signos nocivos de violação e os reocuparam através do trabalho de domesticação, ritualização e re-narração. (p.11)

O que foi possível realizar através da análise de imagens, e através das comparações entre imagem 1 e 2, foi exatamente esta figura literal e figurativa, em um breve exercício de

semiótica, foi possível trazer elementos os quais sem uma análise cuidadosa dos significados e significantes, os contrastes ficariam superficiais. A análise permitiu trazer argumentos claros, mesmo que no sentido do óbvio, porém, concreto para dissecá-lo.

Explorando o campo de primeira e segunda análise, de primeiro e segundo plano, nos permite perceber a dimensão e o peso do papel que a mídia desempenha nos discursos através da utilização destas mesmas imagens, e como pode tornar-se permissiva sua circulação dada a uma justificativa subjetiva.

Apesar de não adentrarmos massivamente à discussão das intencionalidades da mídia, da estrutura permissiva, ainda sim, podemos alegar que existe espaço demarcados sobre o corpo o qual adentra a imagem da mulher na mídia. Perpassa sua exibição no contexto de satisfação ao público como a Imagem 1, diferentemente da exposição da Imagem 2. Para Moreno (2012), “a mídia se apropria seletivamente de determinados comportamentos nos quais decide focar, em detrimento de outros, que ficam à sombra. Seleciona os que lhe interessam ou os que não consegue ignorar”. (p. 28).

Desconstruções de gênero no Corpo d@ Outr@ a partir da imagem na mídia televisa e da imagem na mídia web

Embora a própria ideia de corpo na sociedade se apresente como tabu, e acabe se cristalizando em meio às discussões por pertencer ao campo da sexualidade, da reprodução e exibição da beleza, e ao mundo da arte como ele se apresenta; é neste mesmo corpo que se “cala” à discussão pela via da temática étnica, racista, de gênero - ausentando todas as referências de debate em torno da realidade social de igualdade e ideológica. (Notas: apesar de esta mesma questão representar outras realidades, as estampadas na cara).

O corpo na mídia televisa e o corpo na *web* apresentam, sob uma ótica específica, variações que permitem leituras distintas naquele/a que vê. Enquanto o meio televisivo, como é o caso Figura 1, cria um cenário para vender aquilo que julga como uma ideia idealista, em alguns casos na internet, por exemplo, é dispensado qualquer uso alegórico, o que permite, então, a visão real – isto é, sem alteração – daquilo que se enxerga; como é o caso da Figura 2. Na *web*, as imagens podem abusar de um mecanismo virtual que é comum ao meio: a propagação ilimitada daquilo que está posto e exposto. Se por um lado, e dentro de um contexto, este é o grande problema da virtualidade no presente; por outro, esta é a solução que alivia a utopia negativa imposta pela mídia: e dentro disso se cria a brincadeira do real o

irreal, do quem representa quem; afinal, a mulher real é tão desejável quanto a figura estilizada pela mídia, sendo assim, a busca é pelas respostas que motivam a criação da distorção.

Com o mecanismo já supracitado, a *web* permite algo mais próximo da libertação, pois com ela chega tudo aquilo que é capaz de desconstruir o que fora propagado pela mídia televisa. Ela detém, neste caso, de um poder possível de expressar a emancipação – a imagem da mulher livre de qualquer peso, de qualquer rótulo, de qualquer característica que não seja condizente com aquilo que lhe pertence.

Para Santiso (1997), o corpo da mulher tem sido convertido em objeto de venda. Porém, atualmente, quando se trata do corpo da mulher, há a possibilidade de reversão desse quadro, pois a mulher pode sair da condição de corpo-objeto e partir rumo à condição de corpo-sujeito, interpretando a si mesma sem o peso da objetificação ou da idealização de quem quer que seja. Enfim, aceitando-a. De modo integral.

Para adentrar no caminho da reversão e conseguir tornar-se corpo-sujeito, qual aproximação e identificação a mulher fará em termos de imagens? Será aquela que traz uma ideologia ressaltando um físico que se distancia de grande parte das mulheres do País (Figura 1) ou será aquela em que a ‘naturalidade de ser’ aparece a florada, sem qualquer tipo de repreensão e escondimentos (Figura 2)? Percebe-se aqui o jogo do filtro e do não-filtro, da imagem televisa e da imagem da web, do idealista e do real. É esta a possibilidade de reversão anunciada por Santiso (1997), e esta a possibilidade de re-construção da imagem que mecanismos da web permite: criar-se a partir do natural, que também é desejável, e que é verdadeiro. Sem opressão. Sem mentiras. Sem alteração do que não é, tendo em vista o agrado d@ outr@. Isto é tornar-se mulher. E não tornar a mulher que o externo quer que seja.

Considerações Finais

Sobre o exercício aqui trabalhado, existe uma desmistificação das imagens e se faz uso dos recursos de análise, empregando neste caso, a desconstrução e a construção, o que implica pensar, neste sentido, que “as explicações semiológicas reconhecem a relação entre “conteúdo superficial” e “conteúdo interpretativo” nas distinções entre denotação e conotação, e entre significante e significado”. (BAUER, GASKELL, 2007, p.335)

Diante do que foi exposto, o sujeito que lê este escrito; e que fica imerso dentro das

relações de construções e desconstruções aqui realizadas, certamente, deve-se indagar qual a relevância de apresentar para o que está fora- entende-se o 'fora' aqui como o mundo dentro do seu conjunto pessoal formado por todos e todas – uma imagem do corpo completamente livre de distorções, independente, autônoma, real.

Quando configurada e planejada para determinado fim estético e midiático, a imagem do corpo deixa de ser real e passa a ser uma consequência inventada do ideal, correspondendo, desse modo a uma estética da ditadura, que é tomada como padrão. Fugir da suposta tirania estética é a ação de desprendimento do corpo objeto; fuga esta que se encaminha para o protagonismo de ser; para a vivência do efetivo; para a condição daquilo é real. Fuga esta que acarreta a saída da opressão de um ideal, de um peso que se impõe e que cala autorias, fuga que liberta, regenera, que faz com que o corpo viva – e sinta – ele mesmo: íntegro e original.

Eis que está apresentada a reflexão que queremos levar para nossos/as leitores/as: somos, antes de tudo, corpos sujeitos que se movem dentro do próprio espaço de protagonismo. Negar a condição e caracterização de um corpo objeto é conceder a si a oportunidade de ver no reflexo do espelho a beleza singular de um ser que é belo e genuíno; sem alterações, sem máscaras, sem artificialismo que servem ou servirão para um destinado propósito.

Esperamos contribuir com este propósito, que somados às forças, lutas e reivindicações políticas, tanto de cunho de lutas dadas como legítimas a partir das organizações e dos movimentos sociais, como de grupos e meios ditos como não legítimos, mas que fazem com que a voz da diversidade se fortaleça e cada vez mais encontre, não por meio da força, mas da resistência crescente a identificação do seu lugar. Lugar este pertencente a um único espaço, este fica nada mais do que pertencente ao campo do direitos e da liberdade.

A mídia optou pelo silêncio e invisibilidade seletiva de nossos avanços e problemas contemporâneos, de nossa diversidade, pluralidade, demandas sociais e políticas. Nela, em âmbito internacional e particularmente, nacional, faltam o espaço e as condições para se fazer ver, ler e ouvir a nossa voz – condição necessária para a efetiva democracia e o exercício do direito humano à comunicação. (MORENO, 2012, p.220)

Ao campo da mídia televisiva, assim como dos campos da mídia internet mesmo que apresentem estruturas diferentes, objetivos e dinâmicas, que estes encarem o desafio de

outra mídia, de outras mídias sociais, pois fortalecerá o trabalho tido como “subversivo”. Que possa emergir desta potência de cidadãos ativistas, pesquisadores componentes desta mesma gama populacional, ainda que privilegiados por saber como buscar outros meios de informação, de pertencer a uma gama privilegiada à educação, e ainda sim muito atentos, por encarar a realidade e buscar alternativas de igualdade, a fim da promoção da igualdade e liberdade para a expressão da mulher nos meios de comunicação.

A discussão do controle da imagem da mulher nos meios de comunicação se polariza em torno de dois termos diante dos direitos das mulheres: a defesa da liberdade de expressão e a influência social dos meios de comunicação. A defesa da liberdade de expressão traz todo um arrazoado que remete aos direitos humanos e à necessidade de contrapor informações, de modos a permitir e facilitar o posicionamento, a tomada de decisão e a realização mais plena da democracia. Entretanto, a concentração dos meios de comunicação termina inviabilizando a diversidade e a pluralidade – também e, particularmente, no que se refere às mulheres. (MORENO, 2012, p.219).

A discussão vai além dos exercícios aqui propostos, mas nos permite uma brecha para um olhar diversificado, e em vias de se livrar do condicionamento deste olhar sobre a imagem da mulher, do papel desempenhado sobre o corpo da mulher, vê-la na perspectiva do imaginário em torno do controle e da violência, mesmo que sobre a violência simbólica sobre este corpo, e desta homogeneidade da imagem ‘para’ e ‘sobre’ o feminino.

Referências

Livros:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*; ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

DAS, Veena. *O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade*. Dossiê: Violência, outros olhares, 2011

EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

GASKELL, George. BAUER, Martin W. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 2007

MORENO, Raquel. *A Imagem da mulher na mídia: controle social comparado*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SANTISO, Porcille M. T. *Com ojos de Mujer*. Uruguai: Doble Clic, 1997.

Capítulos de Livro:

KROB, Daniéli Busanello. O Gigante acordou... Só agora? Discursos sexistas no Movimento Popular de 2013 no Brasil. In: _____. *Ainda feminismo e gênero*. 1. ed. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos /CEBI, 2014. p. 145-155.

Artigos em Periódicos Eletrônicos:

BARBOSA, Eryl Guedes; DA SILVA Silvano Alves Bezerra. *Mulheres Invisíveis: a imagem da mulher negra no jornalismo de revista feminino brasileiro*. *Cambiassu/UFMA*, n. 5, jan/dez de 2009. p. 1-21. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/silvano.pdf>. Acesso em: 21 maio. 2014.

Sites da internet

CODESPOTI, Sérgio. *DC Comics abandona sistema classificatório da Comics Code Authority*. *Universo HQ*, 21.01.2011. Disponível em: <<http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/18352/Dani+Alves+paga+viagem+da+Globeleza+para+Espanha>>. Acesso em: 07 de maio. 2014.

Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/06/marcha-das-vadias-nao-encontrei-uma-so-mulher-correta/>>. Acesso em: 09 jun. 2014

Disponível em: <<http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 maio. 2014.